

A SALA ENCENA

Todos os direitos reservados
Capa: Cristiano Henrique Schindler
Impressão e edição: LupaGraf

D889s Dummer, Celeste
A sala encena/ Celeste Dummer. –
Santa Cruz do Sul : LupaGraf, 2006
63p.

ISBN : 85-98355-02-X

1. Teatro escolar. 2. Teatro na educação.
3. Teatro infanto-juvenil (Literatura) – Representação. I. Título

CDD : 372.66
CDU : 37.036

Catálogo: Edi Focking CRB – 10/1197

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
O mundo e a magia dos números	05
A noite em que os hotéis estavam cheios	09
A mãe que existe por aí	11
O grande psicólogo	13
Procura-se um amigo	16
Jesus vem para o jantar	18
Reizinho Mandão	20
A bodega da Marilu	24
Rádio Comunitária Vai à Breca pelo Cano Ltda	29
Uma história do Brasil	36

INTRODUÇÃO

A presente obra é uma amostra das inúmeras peças de teatro, jograis ou esquetes criados especialmente para melhorar a expressão oral dos alunos e desinibir os estudantes que apresentavam dificuldades para comunicar-se com naturalidade e desenvoltura.

Todos os textos foram escritos, observando dificuldades específicas e pessoais de cada turma ou educando. Assim sendo, os papéis eram distribuídos de forma a contemplar carências individuais. Isto não quer dizer que aqueles que não apresentam comunicação deficiente não possam encenar os textos.

Anualmente, os alunos envolvidos apresentavam-se em horas cívicas, festividades e celebrações da Escola Estadual Frederico Augusto Hannemann ou mostras de teatro promovidas pela Secretaria Municipal de Educação de Vera Cruz.

Teatro significa lugar onde se vai para ver. Muito além de ser um local para ver, vai-se ao teatro para sentir. Por isso oportuniza vivências, identificação com personagens, mescla fantasia e realidade, prazer e dever, revela a vida de forma espontânea, criativa e mágica.

O MUNDO E A MAGIA DOS NÚMEROS

(Narrador) O ser humano sempre se preocupou em contar tudo o que o rodeia, em saber a quantidade das coisas, saber o quanto tem, quanto perdeu, quanto poderia ganhar e quanto gostaria de ter.

Para expressar e retratar a quantidade foram criados símbolos que representassem um determinado valor. Foram chamados números. Todos os povos empregaram e empregam sinais que indicam quantidade. Os que mais conhecemos são os números romanos e os hindu-arábicos.

Tudo que nos rodeia pode ser numerado, pode ser transformado em número: a data de nascimento, o dia do enterro, o número da chamada, a classificação em provas, concursos e competições. É chato ser o último da fila. Todos querem ser o primeiro.

- 1- Sou grande, alto, compriiiiiido. Sou o início de tudo. Até os chineses dizem que para fazer uma caminhada de mil quilômetros é necessário dar o primeiro passo. Para fazer uma fortuna é preciso ganhar o primeiro real, a primeira moeda. E quem não gosta de ser o número um?
- 2- Não sou grande, mas sou dois. Sou o número que forma pares, completa um inteiro com duas partes, forma casais. Um é pouco, dois é bom.
- 3- Sou o número perfeito. Sou o três. Sou citado na literatura, na Bíblia e na história. Tudo o que é importante se relaciona com o três. O matemático Pitágoras dizia que o número três é o príncipe dos números, é pleno de significação, mistério e beleza.

3a - Este três é bem convencido, mas está falando a verdade. Na Bíblia o número 3 é citado 404 vezes. Três foram os filhos de Adão. Três foram as pessoas que sobreviveram à destruição de Sodoma e Gomorra. Jonas esteve três dias na barriga de uma baleia. Nabucodonosor lançou três homens na fogueira.

3b – No cristianismo três foram os reis magos, três vezes Cristo foi tentado por Satanás, três vezes foi negado por Pedro, três quedas teve a caminho do Calvário, foi pregado com três pregos às três horas da tarde, diante de três Marias e ressuscitou após três dias.

3c – É três por tudo que é lado. Na família: pai, mãe e filho. Na gramática: sujeito, predicado e complemento. Na música: melodia, harmonia e ritmo. Na organização do governo: Executivo, Legislativo e Judiciário

3d – Passado, presente e futuro. Comprimento, largura e espessura. Animal, vegetal e mineral. Sólido, líquido e gasoso. Terra, mar e ar. Manhã, tarde e noite. É três a torto e a direito. Peço até perdão à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

4 – Pareço esquisito. Alguns acham que sou uma cadeira que levou um chute e está de perna pro ar. Sou um número difícil, porque os bêbados não conseguem ficar de pé quando querem fazer o quatro. O quadrado existe por minha causa. Os quatro pontos cardeais – norte, sul, leste, oeste - servem de orientação para os perdidos no espaço.

5 – Sou um número primo, sem primas. Os brasileiros há muitos anos sonham em fazer a quina. Quando conseguem acertar os cinco números sorteados ficam milionários, mas ninguém quer ser a quinta roda da carroça.

6 – O número seis fica muito revoltado quando é chamado de meia. Imagine ser considerado pela metade, ser meia coisa. Meia serve para esquentar os pés no inverno e agüentar chulé. Sou a meia dúzia. Sirvo para quem se contenta com pouco.

7- Com que será que sou parecido? Para que sirvo? Dizem, alguns, que sou a conta do mentiroso. Para muitos o número da sorte. No entanto, penso que sou aquele que pode levar alguém à perfeição. Junto com o três completo o dez. Sou o máximo. Estou podendo andar na companhia de um número misterioso e belo.

7a - O número sete é utilizado setenta e sete vezes no Velho Testamento. Deus criou o mundo e descansou no sétimo dia. O justo cai sete vezes e se levanta, perdoado. O sonho do Faraó continha sete vacas magras e sete gordas. Deve-se perdoar setenta vezes sete as falhas do nosso próximo.

7b – O sete é um número mimado e todos querem pintar o sete. São sete os dias da semana, são sete os planetas, sete são as cordas da lira. O sete é um número mágico e poderoso.

8 – Eu me acho sem graça. Pareço dois zeros grudados um em cima do outro. Sei que meu valor não é pouca coisa, já ando perto do dez, mas se me partirem ao meio fico sem valor. Quanto valem dois zeros separados? Tanto quanto juntos? Tem aluno dando risada quando estou no boletim, na nota final.

9 – Como número nove pareço o número seis com mania de grandeza. Estou sempre de cabeça erguida. Parece que estou sempre por cima. Sou o número que sozinho vale mais.

0 – Sou o símbolo da inexistência. Sabes quanto valho? Nada. Sou uma nulidade. Sou um zero à esquerda, mas quando me passam para a direita todos vocês valem dez vezes mais. Se vocês querem valer muito, já sabem . . .

Um ou mais alunos citam o que os matemáticos famosos diziam a respeito dos números.

Nesta minha vida já vi tanto número. Número para cada coisa. Cada coisa com número. Coisas botando número em tudo.

Ensinam que o número pode ser: ordinal, cardinal, fracionário, multiplicativo, complexo, combinatório, real, quântico, primo, par, ímpar, racional, irracional, positivo, negativo, relativo, misto.

Grandes estudiosos, sábios pensadores, matemáticos, físicos e filósofos criaram teorias a respeito dos números. Tais idéias são respeitadas em todo mundo e ensinadas nas escolas.

FENELON disse: “felizes aqueles que se divertem com problemas que educam a alma e elevam o espírito.”

HUISMANN afirma: “é preciso que o professor se esforce no sentido de dar um caráter concreto aos problemas que apresenta aos estudantes.”

CAUCHY confia: “de que irei me ocupar no céu, durante toda a eternidade, se não me derem uma infinidade de problemas de matemática para resolver?”

O Dr. José Reis diz que “a curiosidade constante pela resolução de novos problemas é atributo seguro do homem altamente inteligente.”

AUBRY declara: “muitos e muitos poetas, na Antigüidade, exaltaram o número. Pois o número é de essência divina.”

MATILA GHYKA reafirma que “aquele que deseja estudar ou exercer a Magia deve cultivar a matemática.

Ari Quintela diz que “com abelhas ou sem abelhas, os problemas interessantes da Matemática têm, para o pesquisador, a doçura do mel.”

Irene de Albuquerque ressalta que “um bom ensino de matemática forma melhores hábitos de pensamento e habilita o indivíduo a usar melhor a sua inteligência.”

ANTÔNIO MARÃO destaca que “os números desempenharam sempre um papel de acentuado relevo não só nos altos campos da Fé e da Verdade, como nos humildes terreiros da Superstição e do Erro.”

Você já imaginou ter uma fórmula matemática no seu túmulo? Pois no túmulo de Newton, um grande conhecedor dos números, tem na sua sepultura uma fórmula algébrica: $a + bm$. Assim, Pitágoras tem razão ao dizer que os números governam o mundo.

Narrador – Preocupados com tanto número, alguns supostos seres especiais, com capacidades mentais superiores, sensitivos, dotados de poderes para adivinhar o passado e prever o futuro criaram a numerologia.

Numerologia é o estudo da significação oculta dos números e da influência deles no caráter e no destino das pessoas.

NUMEROLOGIA - A SOLUÇÃO

Secretária – Bom dia! Entre e aguarde que Madame Neusa logo lhe atenderá. O preço da consulta é R\$ 100,00..

Neusa – Entre, pois estou às ordens. Não há problemas que os números não resolvam. As pessoas é que não sabem usá-los.

Comerciante – Quero abrir um supermercado que sirva de referência para toda a região. Onde todos querem comprar. Construí um prédio majestoso. Contratei arquitetos, paisagistas e decoradores para planejar o espaço interno e externo. Falta apenas o nome. Quero um nome que atraia um grande número de consumidores.

N – Deixe-me analisar seu nome, data de nascimento, dia em que começou a construção, a data da inauguração, quantas pessoas já trabalharam . . . Assim soma, diminui, multiplica divide. Achei! MATA-FOME em letra garrafais, coloridas e iluminadas à noite.

C – Madame Neusa, obrigado pela atenção. Em breve lhe trarei novidades do sucesso, do movimento e dos negócios (sai do consultório).

N – As pessoas me procuram, eu faço tanto sucesso porque trato o assunto com certo mistério, falo aquilo que os consulentes querem ouvir. Um pouco de ilusão não faz mal a ninguém. Nem preciso apostar na loteria porque as consultas já me garantem um bom salário.

S – Bom dia! A senhora deseja uma consulta com Madame Neusa? Custa R\$ 100,00.

Marcjolina – Sim, tenho alguns problemas urgentes para resolver.

N – Como estás, querida Marcjolina? Posso te ajudar? Vamos conversar.

M – Estou desesperada procurando uma solução para o meu problema.

N- Qual é o seu problema?

M- Eu preciso casar urgentemente.

N- Ué, você está grávida? Não se preocupe. Até parece moda. Produção independente, quem não casa grávida é mal vista. Tudo é permitido nos dias de hoje.

M – Não. Você não me entendeu. É necessidade, é carência. Eu não tenho namorado. Nunca consegui noivar. Agora preciso casar. Está mais do que na hora. A idade passa . . . os anos avançam . . .

N – Escreva, neste papel, todos os seus dados: idade, data de nascimento, nome dos pais. Deixe-me ver. O seu número é o Três. Grande número. Vejo muita felicidade em seu caminho. Para formar um par perfeito você deveria casar com um sete.

M- Como posso saber que é um sete.

N- Pelo nome. ASTRUBAL seria o ideal. Um nome forte que inspira energia, confiança e muito amor.

M- Obrigada pela orientação. Hoje mesmo começarei a prestar mais atenção nos homens.

NA PARADA DE ÔNIBUS. APROXIMA-SE UM RAPAZ BONITO, CHARMOSO, BEM VISTOSO, BEM TRAJADO.

Jorge - Oi! Que linha de ônibus pretende pegar?

M- Quero ir para o centro.

J- Também vou ao centro. Faço serviço de banco para uma empresa multinacional muito famosa. Qual é o seu nome.

M- Meu nome é Marciolina. E o seu?

J – Jorge. Muito prazer. Gostaria de acompanhá-la.

M - Jorge? Que nome sem graça. Imaginava outra coisa.

O RAPAZ SE AFASTA CHATEADO. CHEGA UM INDIVÍDUO PEQUENO FRANZINO, DE MÁ APARÊNCIA

Astrúbal – Que trem você vai pegá?

M – Pretendo ir ao centro.

A- Como você se chama? Qual é o seu nome?

M – Marciolina. E o seu?

A – Astrúbal Ponte Preta.

M – Os anjos colocaram você no meu caminho. A partir de hoje não terei mais problemas.

MARCIOLINA AGARRA-O FELIZ POR TER ENCONTRADO O PAR IDEAL.

Os dois saem de cena e entra, furioso, o dono do supermercado.

C – Ainda mato está numeróloga infeliz? Ela me disse que o mercado MATA-FOME seria um sucesso. O detalhe é que no segundo dia, após a inauguração, ele foi saqueado. Retiraram tudo. As pessoas levaram o que conseguiam carregar. Estou arruinado por ter acreditado que a sorte está nos números. A SORTE ESTÁ NO TRABALHO.

FIM

A NOITE EM QUE OS HOTÉIS ESTAVAM CHEIOS

Maria e José entram cansados e vão até um hotel para hospedar-se. José bate as mãos e o dono do hotel atende.

José - Boa Noite, Senhor! Estamos vindo de longe e estamos cansados. Minha mulher está para ganhar uma criança.

Dono A – (olha para os clientes e observa a pobreza) Aqui não tem lugar. Este hotel é muito procurado e todos os aposentos estão ocupados. Ali em frente há um muito confortável.

José – (bate as mãos) Estamos precisando de pouso.

Dono B – Quero ver seus documentos. Hum... um carpinteiro. Extremamente pobre... O meu hotel é para turistas ricos, que podem pagar todas as mordomias. Procure um hotel popular.

Maria – O senhor não pode abrir uma exceção e nos hospedar?

José – (Dirige a outro hotel e o dono atende) Senhor, minha esposa precisa de um lugar para repousar.

Maria – Estamos vindo de longe. Estamos cansados da viagem e de procurar um lugar para descansar.

Dono C – O senhor tem de entender. Sem dinheiro é difícil. Se o governo desse um incentivo para hospedar pobres. Quem sabe um vale-hotel. Você não tem um político amigo?

Maria – Somos pessoas humildes e honestas e não usamos este meio para conseguirmos resolver nossos problemas.

José – Olhe bem o estado dela.

Dono C – Não posso fazer nada. Pense na sugestão de procurar um político.

José – Vamos sair daqui.

Maria – Vamos tentar mais uma vez.

José – (bate as mãos)

Dono D – Que bom que vieram. Vocês são muito espertos, usando disfarce para não serem reconhecidos. Também, com tanto assalto e seqüestro.

José – Somos José e Maria e estamos indo para Belém.

Maria – Precisamos nos recensear. É uma ordem de César Augusto.

Dono D – Devem seguir adiante. Aqui todos os aposentos estão reservados.

José – Vamos embora daqui. Aqui não tem lugar para nós.

(Maria e José saem para procurar outra hospedaria)

Entram os reis magos, dirigem até a um hotel, batem as mãos e pedem informações

Gaspar – Por acaso passou por aqui um casal humilde. A mulher estava grávida, prestes a dar a luz.

Dono D – Sim, mas não tinham dinheiro para hospedar-se aqui.

Baltazar – Quer dizer que o Senhor não os hospedou. Deixou a mulher neste estado sem um aposento confortável?

Dono D – Claro, eu não posso ter prejuízo. Hotelaria é meu negócio.

Belchior – Aquele casal são os pais do menino Jesus, o rei dos reis, o Salvador do mundo, de toda a humanidade.

Dono D – Se eu soubesse dessa, não teria perdido a oportunidade de hospedar uma celebridade.

Gaspar – Não se esqueça que quem julga pelas aparências podem cometer muita injustiça.

Baltazar – Acho que devemos perguntar os pastores do campo.

Narrador – Os três reis magos foram em busca do rei entre aqueles que se preocupam com os valores cristãos: humildade, verdade, respeito, amor, fraternidade, igualdade, fé, justiça

...

FIM

A MÃE QUE EXISTE POR AÍ

Tudo que existe por aí tem ou já teve mãe. Por isso, também, existem os mais diferentes tipos de mãe. Existe a mãe que precisa pôr tudo em ordem e leva a fama de sargento. Aquela que deixa rolar e agüenta tudo é como elástico: estica, mas não rebenta.

O coração de mãe tem dons que parecem sobrenaturais. Adivinha quando suas crianças estão carentes, precisando de um colinho ou de um leitinho quente, daqueles que aquecem a alma. Sofre quando os filhos vão para o colégio, namoram ou chegam de madrugada das festinhas. Quando eles casam, então, é um misto de alegria com aquela dor no peito. Ouve reclamações, agüenta maus humores. No momento seguinte esquece os aborrecimentos e diz que é a mãe mais feliz do mundo, que não existem filhos melhores que os dela, apesar dos defeitos que têm e todo mundo sabe.

Aqui em Vila Progresso, em nossa Comunidade, há mães que merecem nosso carinho, amor e respeito.

A MÃE FEIRANTE é aquela que com capricho e conhecimento científico planta, cultiva e vende frutas, verduras, legumes, leite e derivados para os moradores da cidade, trazendo um dinheiro extra para a família.

A MÃE AGRICULTURA junto com a família toda enfrenta o serviço da lavoura, organiza a produção, procura a comercialização com um preço justo e sente na pele e no dia-a-dia as injustiças e a falta de uma política agrícola voltada para proporcionar uma melhor qualidade de vida, o bem-estar dos agricultores brasileiros.

A MÃE DONA DE CASA organiza e cuida da casa, da limpeza, prepara a comida, deixa a roupa lavada e passada. E, as vezes, dizem que não tem profissão. Ela é do lar. Quanta injustiça! Alguns maridos que não conseguem valorizar sua esposa ou a mãe de seus filhos dizem que ela é a RAINHA DO LAR. Será que uma rainha recebe um tratamento assim, precisa trabalhar desta forma?

MÃE AGENTE DE SAÚDE visita as famílias, identifica as dificuldades existentes, anota as informações, leva-as para o Serviço de Ação Social para o encaminhamento de soluções.

A MÃE DOMÉSTICA presta seus serviços para as pessoas que têm condições de pagar alguém para realizar os serviços domésticos: limpeza, preparo da comida, arrumação da casa, cuidado com a roupa. Muitas vezes não tem carteira assinada e fica sem assistência na doença e na velhice.

A MÃE COMERCIANTE administra a casa comercial, oferece os produtos e vende as mercadorias que os clientes procuram. Quando é cristã, preocupa-se com a seriedade de seus negócios, não ilude nem trapaceia. Atende com simpatia e atenção.

A MÃE PRIMEIRA DAMA ao lado do marido prefeito representa o Município que administram. Deve estar atenta aos problemas existentes e buscar alternativas de solução de forma justa, honesta, transparente, sem discriminação de raça, religião, partidária ou posição social.

A MÃE FLORISTA cultiva e comercializa as flores que enfeitam as casas e jardins. As flores e arranjos que são presenteados em aniversários, festas e comemorações tem presentes o dedo dela. O toque de bom gosto que realça é sua marca.

A MÃE SAFRISTA é aquela que temporariamente trabalha numa empresa para complementar a renda familiar, ajudar no sustento da família. Muitas vezes é a única pessoa que neste período do ano ganha um salário que precisa durar vários meses para manter a família até um outro serviço aparecer.

A MÃE PROFESSORA é também professora mãe e ajuda a todas as outras a educar os filhos das famílias que chegam à escola. Desempenha um papel importantíssimo no aperfeiçoamento e formação de uma pessoa plena, um cidadão útil para a sociedade. Atualmente, o desafio é redobrado, pois muitas famílias não assumem a educação de seus filhos e querem que alguém o faça.

Por tudo isso, e ainda muito mais, essas mulheres merecem nossa homenagem, não somente neste Domingo, mas todos os dias, durante toda a vida.

Mamãe, toda vez que penso nesta minha curta vida que já vivi até o dia de hoje, surge-me uma pergunta: por que eu nasci, por que eu existo? Será que sou o resultado de apenas um momento de prazer? Será que fui planejado, esperado e desejado? Estou diante de tantas dúvidas, muitas incertezas e uma grande necessidade de sentir-me seguro. Mostra-me um caminho que me leve a respeitar a mim e aos outros. Não me superproteja, não ignore meus erros e falhas. Repreenda-me sempre que estiver errando. Ama-me para que eu aprenda a amar.

Não desista de cumprir sua tarefa, da missão que você escolheu: ser mãe. Não permita que outras pessoas façam por você aquilo que lhe cabe fazer: educar os filhos. Não espere pelos outros, pelas autoridades, pelo governo, pois tudo começa no lar. Educação vem do berço

Mamãe, junto com o pai, você é a responsável pelos filhos que gera, pelo caminho que indicar para os filhos trilharem. Os estranhos, entre eles a escola, poderão ajudá-la nesta tarefa, mas jamais substituí-la. Não se exima de cumprir o seu papel. Encare a educação dos filhos como uma possibilidade de formar indivíduos que sabem escolher bons rumos e que buscam, acima de tudo, a felicidade pessoal e coletiva. Pessoas que podem, sabem e querem construir um Brasil em que todos se orgulham de viver.

Mamãe, encare esta árdua tarefa por você escolhida para, durante e ao final da tarefa, experimentar a FELICIDADE.

FIM

O GRANDE PSICÓLOGO

Cenário (sala de analista com decoração rural: relho, facão, chapéu na parede, panela ou bacia pelo canto, arreios, cadeira de balanço, divã improvisado coberto com pelego. Uma placa identificando o consultório.)

Analista – um gaúcho grosso, com bombacha, fuma palheiro, usa chapéu, cuia e chimarrão no consultório)

Uma criança distribui panfletos e faz propaganda do GRANDE ANALISTA)

Criança – Imperdível! Venha conhecer as últimas maravilhas da psicologia. Problemas de relacionamento com amigos ou inimigos, na escola e no casamento. Faça uma consulta definitiva. Solucione seus casos e descubra as causas ocultas dos seus problemas. Utilização de técnicas adaptadas a cada caso. Cada cliente é exclusivo.

Secretária, em seu primeiro dia de trabalho, entra assobiando para fazer a limpeza e se assusta com a decoração.

Secretária – Noooooossa que decoração esquisita. A agência de empregos me informou que era o consultório de um psicólogo famoso, muito exigente, muito procurado na região. **(tira a poeira e ajeita os móveis)** Creedeo, um relho. Deve ser amansador de burro xucro ou, então, tem raiva de gato. Pensando bem... o negócio é trabalhar porque é assim que eu ganho o meu salário.

P = psicólogo

O psicólogo entra em seu consultório...

P – Eu sou gaúcho, macho, parecido com aqueles da fronteira. Aqui em Vila Progresso não tem dessa estirpe. Forte como vocês podem ver. Sou muito requisitado pelas mulheres, jovens gurias, guri e até alguns marmanjos. Eles vêm aqui para contar suas dificuldades, seus problemas e acham que eu posso ajudá-los.

Batem à porta. A secretária encaminha um paciente.

Secretária – Doutor, a primeira paciente é uma senhora distinta, parece ser da alta sociedade **(faz menção ao dinheiro)** e além disso parece muito preocupada.

P – Bom dia, madame!

Madame – Bom dia. Madame eu não sou. Sou uma viúva muito carente e saudosa.

P – Mas por quê?

Madame – Porque meu marido, que Deus o tenha, morreu e levou consigo o que mais me deixava feliz. As vezes me fazia chorar, outras ficava acordada até tarde, esperava por ele para não perder nenhum momento. . .

P – Minha senhora, você devia tentar com outros ...

Madame – Impossível. Ele ficou anos se aperfeiçoando para chegar a um bom desempenho.

P - E chegou?

Madame – Bah! Em poucos minutos. Era maravilhoso. Nem consigo me controlar quando começo a falar dele, me lembrar dele.

P- Como era ele?

Madame – Era como o senhor, maduro, sério, musculoso e tocava ...

P – Tocava como? onde?

Madame – Violino na Banda Municipal. Levou o instrumento junto com ele. Foi um gesto egoísta.

P – Minha senhora, a madame não precisa vir ao consultório, precisa ir a uma loja e comprar CDs, ou um violino ...

Madame – O senhor não toca violino?

Ele a empurra para fora da sala e fica resmungando.

P - Me aparece cada figura . . .

Secretária – Aquele pai com problemas na escola.

P – Entra. Vão se abancando por aí. Descansa a bunda onde dá.

Pai – Doutor, trouxe aqui o meu filho. Ele não quer ir mais para a escola.

P – Mas por quê? Desde quando não ir para a escola é problema?

Pai – O guri está com uns complexos. A gurizada fica gozando e a professora, aquela cobra, só espalha veneno, em vez de ensinar coisa decente.

P – Mas o que é que ela faz?

Menino – Diz que eu tenho que prestar atenção nas explicações quando eu fico olhando para a Maria. Tira meus bilhetes que atiro para o Miguel. E diz que eu pareço bicha quando sento no colo do Geraldo.

P- Bem, considerando o que foi dito... Em parte ela tem razão.

Pai – Como em parte?

P – Em parte porque o senhor não está fazendo a sua parte. Quando o guri chegar em casa com queixa aplique este remédio em boas doses. E se não fizer efeito, então é caso perdido. Fique com ele em casa.

O pai pega o filho pelo braço e sai dando uns empurrões. Uma mãe chega com sua filha grávida.

Secretária – Doutor, tem aí uma mãe, uma daquelas tapadas que acredita na filha.

Mãe – Doutor, minha filha já está há meses com a barriga inchada.

P – O que você está sentindo?

Filha – No começo era só enjôo. A barriga inchava cada vez mais. Depois começou a mexer, acho que viravam as tripas. Hoje estou com dores muito fortes. Preciso de ajuda.

P – O que comeu nos últimos meses?

Filha – O normal. Feijão, arroz, carne e muita mandioca.

Mãe – Será que é uma doença grave.

P – A partir de agora, durante o dia , você deve comer comida leve. Sopa com caldo de galinha. Se as dores continuarem, leve para o hospital. Provavelmente a senhora vai ser avó.

Mãe – O senhor poderia me explicar como pode acontecer uma coisa assim?

P – Ora como pode acontecer! Ela deve ter feito aquilo escondido da senhora.

Mãe – Será?

Chega um casal com dificuldades de relacionamento.

Secretária – Doutor, tem aí uma dupla. Um casal em crise.

P – Se abanquem. Mas que parelha buenacha, tchê. Qual é o caso?

Marido – É que nós . . . nós tivemos um desentendimento ...

Mulher – Bruto, insensível, largado ...

P – Mas tu não sabe que em mulher e cavalo novo não se mete a espora?

Marido – Mas eu não meti.

Mulher – Ele não entende nada de mulher.

Marido – Querida!

Mulher – Não fala comigo.

P - Ela está mais nervosa que gato em dia de faxina.

Marido – Ela está com carência afetiva.

P – Na minha terra, mulher com carência afetiva é falta de marido. E você serve prá que?

Marido – Nós estamos numa crise de relacionamento. Estamos procurando novas experiências.

Mulher – Nós somos pessoas modernas.

P – O senhor pode sair que eu quero conversar a sós com a sua esposa. Espera na salinha.

Marido – Pode aconselhar o que quiser. Ela precisa ouvir umas verdades.

P – Se você quiser, eu dou um jeito. Mandamos aquele lá pastá e nós dois ficamos juntos sem criar muitos causos.

Mulher – (dando um tapa) Seu sem vergonha. Aqui eu não volto mais.

Chega uma bichinha. Com jeitos e trejeitos entra na sala do analista

Secretária – Apareceu uma criatura estranha. Toda nervosa e agitada, fazendo barulho.

P – Toma um mate?

B – Na-na-não! Só tomo sucos leves para garantir a suavidade da minha pele.

P – Te abanca aí no divã. Ajeita a bunda no pelego. Respira fundo. Enche o bucho de ar que passa.

Agora ... qual é o problema?

B – É depressão, doutor.

O analista tira uma palha de trás da orelha e começa a enrolar um cigarro.

P – Tô te ouvindo.

B – É uma coisa estranha que eu não consigo explicar.

P – Continua falando.

B – Começo a pensar na minha condição, na vida que levo, o que vai ser de mim. O que devo fazer para me livrar disso? Quem sou? Para onde vou?

P – Vamos dar um jeito nisso.

B – As vezes penso que tenho que tirar essa casca de forte, me debulhar toda. Mas fico em dúvida. O que sobrar de mim.

P – Aqui eu curo qualquer problema

B – O senhor vai curar minha angústia?

P – Vou tentar. Parece dor de barriga. Comece tomando óleo de rícino. Três colheres em jejum.

B- O senhor acha que com isso passa?

P – Bem, isso é para começar. Depois usaremos outros meios.

B – Que meios? Só não judia de mim.

O analista sozinho toma um mate, dá uma cochilada. Acorda com o barulho na sala de espera.

B- Ai, ai, ai. Preciso imediatamente do doutor. Eu piorei.

P – Isso é bobagem. Tu não te enxerga animal!

B – Mas, doutor, eu ainda faço um escândalo.

P – Tu te alimenta bem?

B – Alimentação natural.

P – Tem dívidas?

B – Não faço conta.

P – Tá apaixonada?

B – Tô pelo Cristiano, aquele meu colega, bonito, musculoso e sensual. E daí?

P – Então é este o remédio que precisas. (**dá um joelho na criatura, pega um relho e leva do consultório pela orelha. Volta à sala e de forma afeminada fala**)

P – Se eu não me cuido, quase que ela me deixa louca.

FIM

PROCURA-SE UM AMIGO

No palco, um cenário imitando uma praça (banco, alguns arbustos). Entra um menino triste que fala aos presentes e senta-se desolado.

Zé – Hoje estou triste porque estou sozinho. Fui à escola, prestei atenção na aula, no recreio tentei conversar com guris e gurias. Ninguém me deu ouvidos ...

Ju – Estou chateada. Minha mãe acha que eu tenho que fazer tudo o que não quero. Já limpei a casa todinha. Aí ela mandou limpar as janelas. Eu detesto esta parte da casa quando está suja. Quero é jogar conversa fora.

Beto – Que droga! Todos estão ocupados. Estou afim de um joguinho de bolita e não encontro ninguém. Vocês precisam ver. Sou um campeão, sou bom de mira.

(Neste momento começam a entrar crianças. Uma trazendo uma bola nova. Outra uma carteira de cigarro e uma lata de cerveja. A última uma carteira cheia de dinheiro)

João – Olá, pessoal. Que caras mais azedas. Parece que alguém tirou o pirulito de vocês.

Zé – Pirulito ninguém tirou. Só que estamos procurando amigos para nos divertir. Que tal um jogo de bola?

João – Só jogo com aqueles que me deixam ser o capitão do time. A bola é minha e deixo jogar quem eu quero. Alíás, eu é que faço as regras.

Zé – Assim eu não sei jogar. Eu gosto de me divertir e fazer amizades. Gosto de curtir as pessoas.

Marieta – Gente, eu sou extremamente sortuda. Olhem o que eu consegui. Grana para a gente gastar. Sorvete, picolé, balas ... Acho que até dá para dar umas voltas naquele parque famoso ... O Beto Carreiro ... aquele que aparece na televisão ...

Ju – Como você conseguiu? Seu pai lhe deu a mesada? Eu só ganho uns trocados para o sanduíches e, às vezes, um refri. É sempre um aperto só.

Marieta – Achei por aí. De um jeito diferente. Assim ... (**faz um sinal de furto com a mão**) Mas isso não importa. O que vale é o dinheiro.

Vavá – (entra mostrando uma carteira de cigarros) Vocês nem imaginam como eu consegui. Um amigão, já meio grande, passou lá no barzinho e comprou prá mim. Quem quiser experimentar é só vir junto comigo. Ninguém vai desconfiar.

Beto – Eu tenho medo. Alguém pode ver e contar para o pai e a mãe. Aí eles nunca mais vão deixar eu sair por aí e brincar.

Vavá – Como você é bobo! O cigarro tem um gosto esquisito no início, só que depois acostuma. E aí só vai ...

Beto – Fica viciado, doente, fedorento, gasta todo o dinheiro com fumaça ..

Entra o narrador e dirige-se ao público, advertindo-o.

Todos os meus amigos estão recebendo convites de crianças de sua idade ou até um pouco mais velhas. Fazem promessas de como a gente pode se dar com as pessoas fazendo coisas erradas, perigosas, arriscadas, proibidas ... Todos nós podemos aceitar o convite destes amigos falsos ou, então, ouvir e seguir estes que vem aí agora.

1 – Ser amigo é repartir a alegria com aqueles que convivemos. É animar aqueles que estão desanimados.

2. Ser amigo é convidar os mais fracos para participar do jogo. Não para ganhar deles, mas para alegrar, dividir as jogadas, os lances e chegar à vitória. É deixar que o pequenininho também faça um gol.

3. Ser amigo é dar um puxão de orelha, um conselho, quando está fazendo algo errado. Quando ainda não aprendeu a enxergar o perigo. Puxar o braço e levá-lo para longe dos mentirosos e ladrões.

4. Ser amigo é sentar-se num cantinho e ouvir os segredos sem contar aos fofoqueiros. É entender as tristezas, falar de esperança, de um novo dia.

5. Ser amigo é planejar piquenique, pescaria, brincar de casinha com as gurias e ficar chateado quando alguma coisa dá errado.

6. Ser amigo é acalmar um momento de raiva, quando a amiga ou o amigo quer quebrar a cara do guri que deu um tranque no recreio.

7. Ser amigo é não se conformar com a injustiça, com a mentira, com a falta de atenção para com os mais fracos. É não deixar os fortes abusar dos pequenos e tímidos.

8. Ser amigo é dizer que ter fé em Deus é fundamental. É explicar que Jesus é o melhor amigo que uma pessoa pode ter.

Quando todos já nos esqueceram e nos abandonaram, quando o desânimo toma conta, quando tudo parece impossível, recolha-se, faça uma oração e peça uma ajuda. Ele nos ouve e não falha. Não falha porque Ele é filho de Deus, ama a todas as pessoas: grandes, pequenos, fortes ou fracos, ricos ou pobres, brancos ou pretos, tanto faz. Importa é confiar na sua promessa de salvar a todos.

FIM

JESUS VEM PARA O JANTAR

Cenário – Uma família muito rica reunida para o almoço – **pai, mãe, filha, filho e empregada** – falam de sua importância na sociedade, o destaque, alcançado, a inveja que os assola, o sucesso nos negócios, ...

Mãe – Joana, pode servir o almoço.

Pai – Querida, nem parece que já é Natal outra vez. Que época enjoada. Chega o fim do ano. Contas para pagar por todos os lados. Aquele bando de empregados que quer o 13º salário, pensa em feriadão... e eu aqui só pagando ... Os clientes querem presentes, agradados, convites. Sem falar naqueles maldito amigo secreto. Quanta falsidade ...

Filho – Por falar em presente ... Velho, lembra daquela moto? Todos os meus amigos morreriam de inveja.

Pai – Moto com 14 anos? A bicicleta importada que te dei está ótima.

Filho – Credo, pai! Bicicleta é coisa para os filhos dos teus empregados, aqueles pobretões que não se cansam de pedalar. Acreditam em exercício físico que faz bem para a saúde.

Mãe – É verdade! Nós somos da alta sociedade, temos uma imagem de bem sucedido. Muitos gostariam de estar no nosso lugar.

Pai – Que se ralem como eu. Quer uma moto? Trabalha e compra com o teu dinheiro.

Filha – Calma! Devagar! Eu também tenho uns pedidos. Não posso fazer feio diante do meu namorado. O Fredy, filho do seu maior concorrente, iria pensar o quê? Que não somos tudo o que aparentamos.

Mãe – É verdade! Os nossos filhos são e têm mais que os outros, portanto tem que mais é mostrar tudo que podemos fazer. Imagina perder para aquele bando de invejosos.

Pai – Será que não tem coisa mais interessante para fazer que impressionar os outros comprando coisas.

Nisto alguém bate à porta. O carteiro entrega um telegrama.

Carteiro – Um telegrama. Assina o recebimento por gentileza.

Filha – Pois não, obrigada! (abre o envelope e lê a mensagem) Prezada Família Mendonça, hoje, às 20h, Jesus jantará em vossa companhia.

Mãe – Viram só a nossa importância? Até Jesus sabe que somos importantes e escolheu a nossa casa para passar o Natal. Isto é o máximo! É a glória! Minhas amigas vão morrer de inveja.

Filho – Jesus? Quem é? Nunca estive em nossa casa. É algum empresário ou político importante.

Filha – Mano! É aquele da Bíblia que dizem veio para salvar os pecadores. A história é antiga, as pessoas já nem acreditam mais.

Mãe – Jesus é Deus e Deus na minha casa é o máximo. Preciso preparar uma bela ceia: peru, nozes, vinho fino, doces caramelados. Não posso esquecer de nada. Um arranjo de Natal, o pinheiro com luzes coloridas ...

Enquanto todos se preocupam em providenciar tudo para a grandiosa noite ...

1 – Você já ouviu falar de Jesus Cristo, o Salvador do Mundo?

2 – O Filho de Deus que veio para trazer a certeza da salvação para todas as pessoas que têm fé e seguem os seus ensinamentos?

3 – Aquele menino que nasceu em Belém há 2000 anos. Foi perseguido por reis porque anunciava a verdade, a possibilidade de salvação. Dizia que as pessoas deviam temer a Deus e amar o próximo?

4 – Você, meu amigo, minha colega, você já ouviu falar de Jesus? Você já parou para ouvir a sua história? Você já contou a história de Jesus para alguém?

5 – O quê? Você tem vergonha de dizer que acredita em Jesus, que tem fé? Você se esconde para não falar da maravilhosa obra de Jesus?

A família volta para a sala de jantar e prepara tudo para receber Jesus.

Empregada – Este Jesus deve ser muito importante. Com tanta despesa e gastos para apenas uma janta. Que exagero para receber um cara chamado Jesus.

Pai – Será que Jesus é pontual? Não posso perder tempo. Ainda tenho algumas providências para tomar. A fábrica não pode parar. O prejuízo seria enorme.

Filho – Se ele é tão importante como dizem, deve chegar na hora.

Filha – Estou curiosa. Será que ele tem um papo legal?

Nisto alguém bate à porta e a empregada atende. Entra um mendigo e pede uma ajuda.

Mendigo – Peço por caridade um pedaço de pão ou um dinheirinho para comprar algo para comer.

Filho – Hoje não tem pão. Estamos esperando um convidado, a pessoa mais conhecida no mundo e não podemos perder tempo com mendigo.

Bêbado – Com licença! Preciso de ajuda, pois minha família me abandonou e não tenho onde dormir...

Filha – Lugar de bêbado é na sarjeta. Escolheu este caminho agüenta. Vire-se do jeito que dá.

Doente – Por piedade, estou muito doente. Preciso comprar remédios e o meu dinheiro não chega. Sei que vocês têm muito.

Mãe – Hoje não dá. Estamos esperando uma visita importante.

Pai – Mas justo hoje me aparece tudo que é traste para pedir coisas. Deveriam se preocupar em ganhar dinheiro, trabalhar prá valer e não encomodar os outros

O carteiro novamente chega para entregar uma carta e é interrogado pela mulher.

Mãe – Você nos trouxe a notícia de que Jesus viria jantar em nossa casa. Preparamos tudo e ele ainda não chegou. Estamos decepcionados com ele.

Carteiro – Ele já esteve aqui e vocês o mandaram embora. Você não receberam o mendigo, o bêbado, o doente. Era a oportunidade de fazer aquilo que Jesus mais ensinava ao seu povo há 2000 anos atrás e continua nos ensinando: **ama a Deus acima de tudo e ama ao teu próximo como a ti mesmo.**

FIM

O REIZINHO MANDÃO

Um rei novo ou Um novo rei

Após o morte do velho rei, reúne-se o Conselho da Corte e passa a coroa ao filho herdeiro, mais conhecido como Reizinho.

Conselheiro – Prezada nobreza aqui reunida. Na condição de conselheiro-mór tenho a honra de informar que a partir de hoje Reizinho, ou seja, Evandro passa a ser o rei desse reino com o nome de Evandro V

Rei – Quero ser chamado e conhecido como Reizinho. É mais carinhoso.
(Recebe a coroa e o cetro)

C – Vossa Majestade agora tem título de nobreza, a coroa e poder para governar.

R – Governar quer dizer mandar? Fazer o que eu quero?

C – Claro, majestade! Poder para mandar, vender, comprar, mudar . . .

R – Prender também?

C – Prender criminosos, condenar assassinos, absolver inocentes . . .

R – Ter poder pode ser algo muito bom. Ser poderoso é uma tentação. (dirige-se ao Público) Vocês não gostariam de estar no meu lugar? Tenho certeza que sim. Muita mordomia, luxo, fartura ...

Mãe – Meu filho, você terá poder para governar, tornar o nosso reino rico, justo, próspero, feliz.

R – Invejado ... admirado ... idolatrado ...

M – Você terá ao seu dispor todos os conselheiros para ajudá-lo a planejar e construir.

R – Esse bando de escorados sabe fazer algo mais que puxar o saco, pedir favores, viver às custas dos outros, comer e beber de graça?

M – Entre eles têm pessoas com muito conhecimento, pesquisadores, fiéis trabalhadores, ricos proprietários de fábricas, fazendeiros . . .

C – Eles sabem fazer negócios, construir estradas ...

R – Como ganhar dinheiro, lucrar muito ... (faz o sinal de roubar com as mãos)

M – Há pessoas honestas entre eles. Ouça-os. Siga as orientações e governe para que o nosso reino prospere.

R – Chega de chateação . . . de conselhos ... Podem sair. Meu primeiro ato vai ser ficar sozinho e pensar. Pensar como posso governar (caminha pensativo de um lado para outro).

Acho que isso pode ser bom. Posso fazer o que eu quero ... (sai do palco).

ENTRAM EM CENA PESSOAS DO POVO COMENTANDO A POSSE DO NOVO REI

Agricultor – Estou apreensivo com a posse do novo rei. O pai era uma pérola. Tratava os colonos com respeito, a política agrícola promovia a possibilidade de uma vida digna ao bom trabalhador. Os preços dos produtos eram justos. Eu mesmo consegui progredir ...

Comerciante – Esses nobres são todos iguais. Têm o poder, querem aparecer e sabem cobrar impostos. Não tenho muita esperança, um rapaz tão jovem governar, dirigir os rumos de um reino com tantas necessidades, gente procurando emprego, mendigos pelas esquinas . . .

Dono de fábrica – Vou fazer o de sempre: trabalhar, dar trabalho a outras pessoas, produzir mercadorias, vender e, de preferência lucrar bastante. O resto é detalhe. Esse negócio de se preocupar com o social, isso é coisa de filósofo que tem a cabeça cheia de caraminholas.

Estudante – Penso que terá toda a chance de ajudar os jovens do reino que querem estudar em boas escolas, formar-se, ter uma profissão rentável. Os estudantes e os jovens têm sonhos para o futuro, para a vida, podem gerar um futuro glorioso para a nossa região e ao nosso povo.

Professor – Meu jovem, é bom ouvir-te com tanto planos e sonhos. Uma nação consegue progredir quando a educação é prioridade para o governo e para o povo. Um povo sem cultura, sem formação e informação não tem independência e autonomia. Torna-se escravo daquele que detém e domina a tecnologia e o conhecimento.

Desempregado – Reizinho é minha esperança. Há quase um ano estou sem emprego. Até estou pensando em pedir uma chance para trabalhar no palácio. Lá deve ter comida boa, muita festa, gente bonita, muita folga . . . E o que é mais importante: um salário sem muita judiação. Isto quer dizer mordomia . . . Regalias são para os amigos do rei. Para os inimigos a dureza da lei.

Banqueiro – Estou tranqüilo. Sou o dono dos bancos deste reino. Quando precisarem de dinheiro todos sabem onde me encontrar. Se não fizer como eu quero, tranco o cofre e de lá não sai um centavo . . . Aí vocês já sabem ... Uns xingam, resmungam, mas eu é que mando aqui. Reizinho tem o poder. Eu tenho o dinheiro. E vocês acham que poder sem dinheiro existem?

Fazendeiro – Estou apavorado. Minhas fazendas estão em constante perigo. Os colonos sem terra querem invadi-las, querem se assentar e plantar do jeito deles. Estas terras já pertencem à família há mais de um século. Sempre estiveram lá. Os matos e campos nunca foram muito produtivos, mas ninguém tem nada com isso. É propriedade minha e pronto. Se produz ou não eu nem discuto.

Todos – Vamos torcer pelo melhor.

ESTES SAEM E ENTRAM DUAS AMIGAS - que conhecem reizinho há muitos anos.

Ana – Estou preocupada com a posse de reizinho. Ele é egoísta, nunca se preocupou com os amigos.

Carla – Os inimigos que se cuidem. Ele mata mesmo, sem piedade.

Ana – Várias vezes me disse que se fosse rei, degolava a metade desse povo miserável.

Maria – Mulheres, ele compraria as mais belas, gostosas e cheirosas. As feias mataria. Será?

Helena – Oi! Ouvi vocês falando de Evandro V.

Ana e Maria – Reizinho. Reizinho mandão.

Helena – Mas ele não deve ser tão mau assim. Deve ter algumas qualidades, virtudes . . .

Maria – Ele tem maldade. Isto sim.

Helena – Deixa ele começar a entrar em contato com o povo e vocês verão como ele é gentil. Abraça as crianças, saúda os pobres, conversa com os mendigos, dá atenção aos nobres ...

SAEM AS MULHERES E O REI ENTRA ACOMPANHADO DE SEGURANÇAS. Os passantes saúdam o rei, fazem reverência, quase se ajoelham, desejando-lhe boa sorte. Quando ficam sozinhos pergunta aos soldados.

Reizinho – Quem são essas pessoas que me cumprimentaram?

Soldado – São pessoas simples, trabalhadores do povo. Graças a eles somos um reino famoso.

Soldado 2 – Foi o agricultor, o estudante, o professor, um desempregado, um fazendeiro ...

R- O meu reino é famoso porque eu sou o máximo. Eu é que dirijo este povo. Se não fosse a minha energia, nada seriam. Podem sair. Não preciso de segurança. Esta gente só pensa em trabalhar, comer e morar em algum lugar.

OS SOLDADOS SAEM.

Reizinho – Vou pôr ordem nesse reino. Onde é que já se viu falar mal do rei. Sou o poder máximo, a autoridade máxima.

ENTRA UMA MULHER E PROTESTA

Mulher – Majestade, venho aqui na condição de representante do povo. Já não agüentamos mais o peso de tantos impostos. Os exploradores estão no comércio, cobram caro pelos produtos. Os donos de fábricas e os fazendeiros pagam salários miseráveis. Os filhos dessa gente tem escola de péssima qualidade ou nem tem. Use seu poder e sua força para espalhar justiça, semear a paz e o bem-estar entre o povo.

Estudante – Vossa Majestade está no poder porque é o filho do rei. Seu poder não vem do povo. Pelo povo não seria eleito.

Reizinho – Tem muitos reis eleitos e são piores do que eu. Compram os votos, fazem promessas falsas, abraçam o humildes, apertam a mão dos doentes, dão colo às crianças.

Estudante – Estes maus governantes são rei apenas uma vez e, depois, Adeus.

Empregado – Não queremos ganhar um rancho, queremos oportunidade para trabalhar e comprar aquilo que nos falta. Queremos realizar os nossos sonhos.

Professor – O povo quer dignidade, respeito e possibilidade de progredir através do seu trabalho. Não queremos esmolas. Precisamos de programas de saúde, educação, moradia ...

Dona de casa – Sou responsável pela educação dos meus filhos e eu gostaria de ter orgulho do meu Rei, falar bem às pessoas de outros países, de reinos amigos. Orgulhar-nos da forma justa como trata o povo, da forma correta como administra as riquezas da nossa gente, do cuidado com as crianças e idosos. Majestade, não me faça adia-lo, desprezá-lo ou ignorá-lo por que não respeitar o povo.

Jovem – Sou uma jovem como as dezenas que diariamente o encontram pelas ruas, festas, locais públicos. Ficamos muito felizes quando soubemos que teríamos um rei jovem, capaz de entender os sonhos da juventude, disposto a construir um país que quer crescer e progredir, dar oportunidade para desenvolver seu talento. Alguém que colocará sua energia a serviço do bem, esquecendo a vingança, o ódio, a perseguição.

Estudante – Gostaríamos de admirá-lo pelo seu jeito democrático, capaz de entender as opiniões e idéias diferentes e até contrárias às suas. Todas as pessoas, desde o mais humilde até o mais letrado, desde o trabalhador até o cientista, todos querem ser respeitados e felizes.

Reizinho – Ouvindo atentamente todos estes argumento, chego à conclusão que devo admitir a minha pouca experiência e falta de maturidade. Prometo que prestarei mais atenção ao que está acontecendo neste reino.

FIM

A BODEGA DA MARILU

(Em uma bodega – casa de secos e molhados – a dona, atrás do balcão, arruma copos, recolhe garrafas ...). A empregada chega ao serviço cantando, varre o bar, ajeita cadeiras, coloca cinzeiros, põe toalhas.

Marilu – Manter esta bodega em ordem não é fácil. Meu marido, aquele folgado, não faz nada. É nisto que dá casar com o mais bonito da vila. Me enche de filho e não ganha a bóia que come.

Empregada – Não esquento patroa. A vida é bela. Estou aí sozinha. Não consigo sair da faxina. Bem que eu queria ser dona de bodega. Eu poderia ficar comprando coisa gostosa, roupa chique, ficar na companhia de guri bonito. (VIRA-SE PARA O PÚBLICO) Se tiver um bodegueiro rico, gostoso e bonito, liga pra fim.

Marilu – Beleza não põe a mesa. Veja bem o meu exemplo. Aqui, atrás do balcão, em casa sou objeto de cama, mesa e banho. Aquela praga só descansa.

Empregada – Querida patroa, seu eu fosse casada com um gato ... nem sei o que faria ...

Marilu - Veria as outras gatas entrando no terreiro.

Empregada – Deus me livre. Distribuiria vassourada (MOSTRA COM A VASSOURA O QUE FARIA)

CHEGA O GARÇOM PARA MAIS UM DIA DE TRABALHO

Garçom – Bom dia, gente. Como está a vida e a moda? Todo mundo leve e faceiro?

Empregada – Estou procurando um garçom bonito para me encostar. Se nós dois juntássemos os nossos salários, nossos trocos.

Garçom – Quer dizer os nossos trapos, porque salário acho brabo, são só troquinhos. Além do mais não sou bonito. Tenho outras virtudes. Sou esperto, inteligente, disputado entre as mulheres ...

Marilu – Não pago salário para ficar por aí fazendo marketing pessoal. Propaganda vocês podem fazer em outro lugar. Mãos à obra e arrumem tudo.

UM FREGUÊS JÁ BÊBADO (MAL VESTIDO, UMA GARRAFA NA MÃO, CHAPÉU AMASSADO) ENTRA NO BAR, CAMBALEANDO, FALANDO ALTO.

Bêbado – Devia ser proibido vender cachaça, os bêbados deviam ser presos, fazer trabalho forçado prá aprendê o que é encomodá os outros. Eu, por exemplo, só bebo quando quero. O problema é que eu quero todos os dias. Assim não sobra dia para trabalhar. Me dá um traguinho caprichado, Marilu.

Garçom – O senhor quer um martelinho?

Bêbado – Olha bem pra mim. Tenho cara de martelinho? Nem marreta. Traz logo uma garrafa.

Garçom – Garrafa? É hoje que ele se afoga. (BUSCA O PEDIDO)

Bêbado – Isto! Garrafinha meu amor, gostosa, deliciosa (BEIJA A GARRAFA E ENCHE O COPO)
Faz favor, Marilu, bota aí a minha música preferida.

Marilu – Toca a Marvada pinga. (MÚSICA “A MODA DA PINGA” GRAVADA POR INEZITA BARROSO)

Garçom – O que não se faz por um freguês. (VOLTA-SE PARA O PÚBLICO) Duvido que alguém conheça ou goste desta música.

Bêbado – A Rádíocom toca todos os dias. Eu até ligo pra emissora e ofereço pras gatinhas da vila. Eu quase choro quando ouço a letra. O significado é bem filosófico, vai até a profundidade da alma.

ENTRA UMA SENHORA MUITO DISTINTA E SENTA-SE À UMA DAS MESAS

Empregada – Sinta-se à vontade. Já, já alguém virá servi-la. Nunca a vi por aqui. Quem é a senhora.

Flor – Flor. Florisbela Florinda Fonseca

Empregada – Qual é a sua profissão?

Flor – Florista.

Empregada – A senhora vem de onde?

Flor – Florianópolis

Empregada – Ela deve ser de outro planeta. Fala tudo com efe. Esta vida de faxineira é cheia de emoções.

Garçom – O que a senhora deseja? Posso lhe servir um café?

Flor – Forte, filtrado e fervido.

Garçom – Mais alguma coisa?

Flor – Frutas frescas.

Garçom – Alguma preferência?

Flor – Framboesa e figos flambados

O EMPREGADO ANUNCIA OS PRODUTOS QUE ESTÃO À VENDA

.

Vendedora- Atenção pessoal! Aproveitem as ofertas. Compre um rádio com pilhas, um perfume francês para a namorada, uma bolacha recheada, um relógio, uma fita sertaneja. Aproveite.

Menino – O tia, tem papel pra limpar a bunda?

Vendedora – Que modos são esses? Tem papel higiênico.

Menino – Então quero um rolo.

Vendedora – Custa R 0,50 centavos. Compre e leve para casa. Faça uma surpresa para as crianças. Leve um brinquedo eletrônico quase novo.

Menino – Tia, eu quero papel pra limpar a bunda.

Vendedora – Moleque mal-educado. Devia te dar um cascudo. Teu pai não te ensinou o que é papel higiênico?

Menino – Me vende dois rolos. Pode ficar com o troco, pois estou apertado.

Vendedora – Senhores e senhoras, confirmam as ofertas. A promoção é imperdível. Brinquedos, jogos, relógios, rádios e pilhas, últimos lançamentos em cd's.

Menino – Com licença. A senhora tem papel higiênico para vender.

Vendedora – Ótimo. Parece que aprendeu a lição. É assim que se pede um produto. Toma aqui, está na mão.

O MENINO SAI CORRENDO E O VENDEDOR GRITA.

Vendedora – Este papel é pra anotar?

Menino – Não moça, é pra limpar a bunda.

O VENDEDOR FICA FURIOSO, DÁ UM CHUTE NA BARRACA E FICA RESMUNGANDO.

Vendedora – Moleque desgraçado, atrevido, traste.

ENTRAM QUATRO MULHERES E PEDEM UM BARALHO PARA MARILU.

Joana – Amiga, viemos prestigiar o teu espaço. Empresta o baralho para um jogo.

Betina – Finalmente um dia de folga. Aquele praguedo lá de casa, te conto. Não dão folga. Aqui ninguém me enxerga e eu tiro o atrasado.

Jéssica – Aqui é bom. Serve de vitrine. As vezes, vem uns velhos gatos, ou gatos velhos e pagam um pigadinho, uma geladinha.

Jaque – Hoje eu curo o estresse. Vamos começar o jogo. Quem dá as cartas? (Jogam em meio à folia e algazarra, falando alto)

ENTRA UMA MOÇA QUE PEDE PARA OLHAR CD'S. DEPOIS ENTRA UMA AMIGA.

Teca – Por favor, gostaria de olhar os CD's.

Beta – Oi, amiga! Quanto tempo! O que fazes por aqui?

Teca – Conferindo os sucessos, lançamentos, o som do momento.

Beta – Procuo um cd faz tempo. Esta loja é a minha esperança

Teca – Passo o dia inteiro ouvindo música. Minha mãe fica uma fera.

Beta – Tu ainda não descobriste o fone de ouvido. Aquele aparelhinho que se pode colocar e ouvir a música sem ninguém encher o saco.

Teca – Onde eu encontro isto? O protetor auditivo.

Beta – Em qualquer loja que vende engenhocas para ouvir música. E tem mais. É ótimo para não ouvir os sermões do pai e da mãe. É um aparelho protetor contra barulho excessivo. Sabe, né?

Beta e Teca – Achei o quem eu queria.

AS DUAS DISCUTEM E BRIGAM, DISPUTANDO O CD.

Vendedora – (Separando as duas) Acho que tenho uma sugestão. Vamos fazer um sorteio. Par ou ímpar? (Quem ganha sai vibrando e a outra xingando).

ENTRA UMA MOÇA E PEDE LICENÇA PARA SENTAR AO LADO DE FLOR

Paula – Posso?

Flor – Faz favor.

Garçom – (traz o café) – É um prazer atendê-la. Qual é o seu nome.

Paula – Paula Pereira Pinto

Garçom – Vens de onde?

Paula – Piracicaba.

Garçom - Qual é a sua profissão?

Paula – Pintora. Pinto portas, portais, panfletos para políticos, prateleiras, pratos, pôster para pedintes, paredes para patrícios.

Garçom (vira-se para o público) - Efe e pê juntos só pode dar (apenas movimentar os lábios) filhos da puta. O que a senhorita deseja?

Paula – Panqueca. Pensando melhor, pode ser um pão e presunto prensado

Garçom – Perfeito. Salta um pão e presunto prensado. Que tal o café, minha amiga?

Flor – Frio, fraco, fedorento, e formiguinhas flutuando.

A EMPREGADA CHEGA-SE À MESA DO BÊBADO

Empregada – Ainda agarrado ao copo? Não consigo entender o motivo de alguém gostar de pinga. Larga dela. Só falta dizer que é prá afogar as mágoas.

Bêbado – Eu nunca consegui. Estou cada dia mais magoado. As minhas mágoas aprenderam a nadar. Assim, eu bebo porque é bom.

ENTRA UMA JORNALISTA BEM VESTIDA, DIRIGE-SE AO BALCÃO E COMEÇA A FALAR COM A DONA)

Jornalista – Bom dia! É bom mesmo o cafezinho daqui, minha amiga?

Bêbado – É uma água morna, passado há duas semanas, em coador usado, durante um mês (resmungando).

Marilu – Sei dizer, não senhora. Não tomo café.

Jornalista – Você é a dona do café e não sabe dizer? Não é você que faz o café?

Marilu – Sou eu sim. Ninguém tem reclamado dele não senhora.

Jornalista – Então me dá café com leite, pão e manteiga

Marilu – Café com leite só se for sem leite.

Jornalista – Não tem leite?

Marilu – Hoje, não senhora.

Jornalista – Por que hoje não?

Marilu – Porque hoje o leiteiro não veio.

Bêbado – O leiteiro gosta de botar água no leite. Como faz dias que não chove ... faltou água.

Jornalista – Ontem ele veio?

Marilu – Ontem não.

Jornalista - Quando é que ele vem?

Marilu – Não tem dia certo não, senhora. As vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir não vem.

Jornalista – Está bem. Traz um café com leite sem leite. (Toma o café calmamente }

Bêbado – Moça, nem tudo está perdido. Pinga não falta nunca. Prá sorte minha.

Jornalista – Escuta uma coisa: como é que vai indo a política aqui na cidade?

Bêbado – Bah ... um esparramo ... cada qual tentando salvar a sua pele ... explicação prá cá, explicação prá lá ... um falatório só ...

Marilu – Sei dizer não, senhora. Não sou daqui.

Jornalista – E a há quanto tempo a senhora mora aqui.

Marilu – Mais ou menos uns quinze anos. Um pouco mais, um pouco menos . . .

Bêbado – Ela não conta, mas é unha carne com os homens. Ela é cupincha do prefeito. Fala bem dele, leva recado, distribui uns tragos, faz janta prá eles.

Jornalista – Como está o trabalho do prefeito e seus secretários.

Marilu – Tenho que cuidar da bodega e não tenho tempo para fofoca. Falam sempre a mesma coisa.

Bêbado – Tá todo mundo com a boca lá nas orelhas. Estão arrumando tudo. Até o que não tava estragado estão melhorando.

Empregada- É verdade, dona. Eu ando conversando com minhas amiga. Dizem que faz tempo que não era tão bom.

Jornalista – Mas aqui não tem corrupção, maracutaia, muita promessa, compra de voto, lorota . . .?

Empregada – Não, dona. O nosso prefeito é grandão, enorme, um grande homem. E dizem que vai fazer grandes obras.

Jornalista – Aqui não desviam verba pública, não perseguem a oposição?

Empregada – Não tem oposição. Fizeram um aliança forte, um arrastão. Arrastaram a oposição pra situação. Estão todos reunidos, unidos. Bonito de vê.

Bêbado – Não se impressione. É tudo farinha do mesmo saco. Todos querem a mesma coisa.

Jornalista – Querem o quê?

Bêbado – Dona, aqui na frente de todo mundo não posso falá. Vai que vão lá contá pro prefeito. Ele é grande, enorme, forte.

Jornalista – Como é que o senhor sabe de tanta coisa? Como você fala a verdade tão abertamente e ninguém lhe persegue?

Empregada – Ele não faz nada. Só fica aqui na bodega ouvindo a conversa dos outros. Ele se finge de tonto.

Bêbado – Nem eu não sei. Eles acham que bêbado não ouve nem enxerga, mas estou sempre ligado. Os políticos fazem seus acordos em bodegas e sempre estou lá.

Jornalista – Se eu quiser fazer uma matéria lá para o meu jornal, o senhor me daria as informações que eu preciso.

Bêbado – Claro, dona. Mas eu gostaria de aparecer no jornal. Numa foto grande.

Jornalista – (sai) Até a próxima semana. Trarei a minha equipe para cá. Vou fazer a grande reportagem.

Empregada – Eu também posso contar algumas coisas. Se a senhora me der uns trocos pra comprar o leite das crianças, um ranchinho. Eu gostaria de aparecer no jornal, dando depoimento.

Bêbado – Eu conto tudo. Esses caras que ficam enganando o povo têm que levá chumbo. Têm que enxergá o sol nascê quadrado, fazer trabalho forçado, devolver tudo que roubaram, que nem bêbado.

Pessoal, a turma da prefeitura é boa. O prefeito, além de grande, é bom. Isto! Garrafinha meu amor, gostosa, deliciosa. Tu é que é boa. Nós dois juntos não precisamos temer nada.

Marilu – Esta freguesia me bota em cada aperto. Agora tenho que arrumar explicação para os fuxicos. Tenho que ficar de olho em todos. Não vou permitir que atrapalhem meus negócios. Não sei porque bodega e política mexe tanto com as pessoas. Ou será que mexe com os interesses?

FIM

RÁDIO COMUNITÁRIA VAI À BRECA PELO CANO LTDA.

A -No ar mais um campeão de audiência.

MÚSICA

B - Senhoras e senhores ouvintes, jovens, crianças e crianças, maduros, da segunda, terceira e quarta idade. A partir e a chegar deste instante, vai para o ar a rádio vai à breca pelo cano ltda, G Y não venta nem chove, ondas curtas e longas, chatas e magras, frequência mentolada e outros bichos mais.

MÚSICA

A -Atenção para a hora incerta: daqui a pouco falta um pouco para daqui a pouco.

MÚSICA

Batatão – Senhoras e senhores ouvintes, estamos falando indiretamente do estádio do Pacatatu. A paca já veio, falta só o tatu.

Dentro de poucos instantes vamos transmitir em cadeia com a Rádio Brutabéstia da cidade de Sacaroto e a Rádio Rapadura, de Tabatinga, a partida decisiva pela taça Perna-de-pau, reunindo a seleção carioca entre a seleção paulista.

Muita gente nos puleiros, ninguém nos poteiros lá em baixo. Enquanto os times não aparecem, vamos chamar nosso companheiro Jacinto Dores da Lombada, que estará logo mais transmitindo a nona corrida automobilística do turfe nacionolento. FALA JACINTO, MAS NÃO ATOCHA.

Jacinto – Senhoras e senhores amantes do esporte guidônico. Tudo pronto pros homens se largarem. Quarenta carros de frente, trinta de ré, vinte de papo pro ar, conforme a pré-classificação, já estão a postos para a corrida das 25 horas por minuto. Desta vez tem muito ás no volante .

Batatão – Alô, Jacinto Dores da Lombada, vão entrando os cariocas no gramado de calça curta, bota branca até o joelho e camisa zebraada sem botão. Atenção que vai entrando também a seleção paulista mandando brasa com muito tição no meio. A torcida festeja com bombas e foguetes. O juiz tomou um bomba bem no relógio; foi a primeira bomba relógio da tarde. Irritado com o infausto acontecimento, o juiz Bronquinho Chatinho Rançozinho das Complicas tratou de iniciar logo a contenda. Puxou o fôlego e deu a buzina inicial. Saída para os paulistas. Bola com Pelé, Pelé para Toninho, Toninho para . . .

Jacinto – Atenção, Batatão, que vai ser dada a largada dos carros. Reina um grande silêncio barulhento. Motores e motoristas roncam desesperadamente. Mãos no acelerador, pés no guidão, tudo pronto . . . Atenção . . .

Iniciada a corrida. Dez carros saíram, dez não saíram do lugar e dez carros portugueses saíram de ré. Lá na frente a Barata nº 35, logo atrás o Corcel nº 44 de cola erguida passa . . .

Batatão - . . . a bola para Gérson, Gérson para Jairzinho, Jairzinho chuta violento sobre . . .

Jacinto - . . .o Chevrolet nº 5 que derrapa, bate num poste, mata um cachorro indiscreto e cai na . . .

Batatão - . . .na cabeça de Gerson, que apara com categoria, baixa para o pé canhoto e chuta a pelota por sobre a barra . . .

Jacinto - . . . da direção do fusca nº 34 que desgoverna, avança pela rua Boca Braba, cruza em alta velocidade pelos outros carros, toma um coice do corcel e faz a curva a 120 . . .

Batatão - . . . mas Rildo segura no peito, escorrega para César, César desvia do contrário e dá uma cabeçada forte . . .

Jacinto - no fenemê nº 80. Quebrou o pára-brisa, o pára-choque, o pára-quedas, estremeceu a carcaça, chocou-se num mosquito, de uma quinada fenomenal e . . .

Batatão - . . . passou por cima de Jairzinho, de Gérson, de Altair, de Cláudio, batendo bem no ângulo superior do travessão.

Quase o gol dos paulistas. No rebote, bola prá Pelé, Pelé faz que vai, mas não vai, aproxima-se da área. Atenção! Prepara-se, cospe na mão e esfrega os pés, vai chutar . . . ma na hora H . . .

Jacinto - . . . furou o pneu traseiro esvaziando totalmente a barata azul que teve que parar no box.

Enquanto era trocado o pneu, o volante internacional Mortadela Cavalari aproveitou para colocar 80 litros de gasolina e um galão de óleo na . . .

Batatão – barriga de Gérson que, reanimado, passa a acionar com velocidade a meia cancha, correndo por todos os lados.

Mas a pelota está novamente com Pelé. Pelé suspende para Edu. Edu busca a linha de fundo, bota a linha no bolso e cruz um baita largadão para Pelé que recebe, confere, prepara, vai marcar . . . mas é chargeado, é trancado vilentemente . . .

Jacinto - . . . pelo fenemê nº 80, que em conseqüência quebrou a traseira e os holofotes. Mas nada de grave no acidente de . . .

Batatão – Pelé que ainda não se recuperou. Pára o jogo para ser atendido . . .

Jacinto - . . . pelo mecânico que tratou logo de concertar o cano de descarga, o carburador, os pistões, a catraca do fenemê . . .

Batatão – Jogo paralisado para ser atendido o rei. Lá está o massagista passando mercúrio na barriga do atleta. Aquecido i tição de ouro, ei-lo que retorna disposto ao gramado, desempenhando . . .

Jacinto - . . . cinco mil cilindradas por minuto, o que não é normal para uma Chevrolet 48 que agora assume o primeiro lugar nas competições das 25 horas por minuto.

Batatão – Reiniciada a pelada. Zero a zero a favor dos cariocas. O jogo vai se afastando do seu final. São Paulo carrega. Os cariocas descarregam. O juiz anda carregado: cada vez que apita cai no chão. Pelé faz cobras e lagartos com a bola, só não faz gol, o que é o mais importante. O arqueiro Félix retém a pelota, pica três vezes no gramado . . .

Jacinto - . . . a Ford cinzenta que sobe e desce a rampa a 140 por hora . . .

Batatão - . . . chuta pelo ar . . .

Jacinto - . . . a Chevrolet nº 05 que vai . . .

Batatão - . . . caindo na cabeça de Ademir da Guia. Ademir olha os companheiros e levanta . . .

Jacinto - . . . o fenemê nº 80 . . .

Batidão - . . . à grande altura, passando por cima do travessão e indo cair no meio da assistência . . .

Jacinto - . . . em alta velocidade a Ford cinzenta, que passou por um, por dois, por cinco . . .

Batidão - . . . mas foi barrado por Toninho que chutou contra o gol. Entreveiro na área. Muita polvadeira. Diversos . . .

Jacinto - . . . carros batem-se numa sensacional carambola, amassando todo o traseiro . . .

Batidão - . . . de Toninho, de Edu, de Ferrari, de Reinaldo que saem mancando . . .

Jacinto - . . . nos pneus . . .

Batidão - . . . e esfregando . . .

Jacinto - . . . a lataria . . .

Batidão – Atenção, Jacinto Dores da Lombada. O juiz dá por encerrada a partida, faltando um pouco prá daqui a pouco. Vitória parcial dos paulistas por zero a zero.

Jacinto – Alô Batidão das Candongas. Também aqui está encerrada a nona corrida automobilística. Os carros já . . .

Batidão - . . . se recolhem para os vestiários totalmente suados. Enquanto a platéia se retira, os jogadores . . .

Jacinto - . . . com a máquina fundida são transportados para a oficina mecânica a fim de sofrerem os reparos necessários.

Batidão – E aqui encerramos nossas transmissões em conjunto. No auditório de Pé no Fundo, nosso repórter Jacinto Dores da Lombada transmitiu a nona corrida ou a corrida nona (como quiserem). E nós indiretamente do Estádio Pacatatu, irradiamos para o mundo a disputa final pela taça Perna-de-pau.

Jacinto – Alô estúdio! Pode estudar . . .

B – No ar mais um campeão de audiência

MÚSICA

A – Atenção para o noticiário atualizado do dia de ontem. Ouça e fique informado.

B – A Casa Tamanko Nakara dos japoneses Sujaro Notoko e Kondusiro Nakasaka avisa que recebeu uma partida de meias para perna de mesa, sapatos para pé-de-vento e agulhas para linhas de ônibus.

A – O instituto de beleza da dona Estroncha Maldacara está vendendo loção avant'première para ondular cabelos de careca.

B - Dispõe também de patolas e tombadeiras para alisar cabelos de africanos, faz penteados a lá minuta em mulatas, loiras, e casos duvidosos.

A – Vende grampos para mulheres de puro cobre, pentes para senhoritas de matéria plástica e piranhas para idosas de silicone.

B – Atenção, ouvintes. Vai falar o correspondente internacional

Música

A – aqui fala o repórter Atochoso com notícias do estrangeiro e de outros países através da agência Upaitá falando bobagem.

Música (toque de 8s)

B – África – Tanganica – Depois de muitos estudos da Dificuldade de Tabacudosa descobriu finalmente que é possível obturar os dentes da minhoca. O único problema é descobrir de que lado fica a boca.

A – Beirute – Vila dos Birutas – Na tarde de ontem entrou no Restaurante Bife de Sola um biruta tão distraído, mas tão distraído, que colocou a cadeira no cabide e sentou no chapéu. Em seguida engoliu o guardanapo e limpou a boca com o bife. Ao sair derremou o cafezinho no carro e bebeu 10 litros de gasolina. Em consequência disso levou o carro para o hospital e ele deu baixa na oficina mecânica.

B – Itália – Cidade de Macarrone – O cientista italiano FIOL DE BRUTABÉSTIA, por sinal o maior baucólogo da Europa, descobriu que a terra é feminina porque ninguém lhe conhece a idade exata at´e hoje.

A – Conchinchina – Na última corrida de São Silvestre, o corredor Ciclone Ventania dos Tufões alcançou com mérito o 1º lugar. Foi tão rápido e veloz que já tinha chegado antes mesmo de sair.

B – Portugal – Coimbra – O portucólugo Joaquim Raios que te Partas ao fim de 30 anos de profundos estudos descobriu porque o elefante é um animal grande e de cor cinzenta.

A - Ao ser interrogado pelos cientistas respondeu: - Porque se fosse pequeno e amarelo seria um canário.

B – Japão – Noforno – O naturalista japonês Tabako Noduro confirmou sua viagem marítima a cavalo para a França a fim de visitar as Pirâmides do Egito e lá estudar quanto tempo durou a Guerra dos Cem anos, para saber que cor tinha o cavalo branco de Napoleão quando proferiu, por uma cadeia de emissoras da época, esta histórica frase: “SOLDADOS, DO SALTO DESTAS PIRANHAS, QUARENTA CEGOS VOS CONTEMPLAM.”.

A – Berlim – Via Berlineta - Foi visto nesta cidade um alemão preto tão baixinho, mas tão baixinho, que toda vez que expirava encostava os pé na cabeça. Foi tirar uma fotografia três por quatro e saiu inteiro.

MÚSICA

B – Aqui se despedaça de vocês o repórter Atochoso que voltará novamente de cinco em cinco minutos, cada meia hora, todos os dias, quinzenalmente.

MÚSICA

B – O que vai pelos cinemas da cidade.

A – O Cine Kedroga apresenta hoje “A volta do homem que não foi”. – Violento faroeste de guerra, tão realista que ninguém agüenta a fumaça dos canhões e a poeira dos cavalos na sala.

B - Assistam, ainda, no Cine Muquirana o filme: Como entrar sozinho e sair com pulgas até pelas tripas do diabo.

MÚSICA

B – Pensamento do dia.

A – É preferível a morte que morrer.

B – Filosofia da vida.

A – A vida é uma cebola que se descasca chorando.

B – conselho da semana.

A – A calça é uma coisa que se bota e bota é uma coisa que se calça.

B – Santo do dia.

A – São Risal

MÚSICA

A – Serviço de utilidade pública. O pastor da comunidade avisa que sábado próximo é o primeiro domingo do mês. Se chover de manhã haverá culto de tarde e se chover de tarde haverá culto de manhã.

B – Acerte seu relógio à moda da casa. Providencie um martelo, dois pregos e uma chave de fenda.

A – Horóscopo – Um estudioso horoscopista descobriu que há apenas dois tipos de pessoas: os que nasceram sob o signo do bem e os que aqui chegaram pelo mal. O mais espantoso é que 90% de maus precisam trabalhar para sustentar o descanso e o prazer dos 10% de bons. Ou será que isto tem outro nove?

B – Atenção para a hora. Quando o nosso relógio bater cinco horas, os ponteiros estarão marcando nove e meia, mas deve-se ler onze horas da manhã ou da noite conforme o horóscopo do dia.

E por falar em relógio, adquira o famoso relógio da marca Batatal. Tem até hora “H”. O relógio Batatal é batata. Se o galo cantar a meia-noite e o relógio marcar onze horas, acerta o galo porque o relógio está certo.

A – E agora, senhores e senhoras, vamos transmitir a nossa jornada esportiva.

MÚSICA

B – Atenção, ouvintes, vai para o ar o noticiário do país, com amplas notícias nacionais e supernacionais.

MÚSICA

A – Sabugaiá – O artista Galináceo Carijó, dessa nossa cidade, imita tão bem o galo que, quando ele arremeda essa ave, em seguida amanhece o dia.

D – Tronquera do Diabo – Via a jato – Reuniu-se extraordinariamente na noite de ontem a Câmara de Varredores dessa cidade para prestar homenagem às mães na data que lhes é consagrada.

A – Ocupou a tribuna da câmara, para falar em nome de seus pares e de seus avulsos, o nobre varredor Guinorante prá Burro, salientando o seguinte:

B – Como não poderia deixar de ser, eis que já, se não eu jamais poderia calar quando estiver falando, porque tenho a súbita honra de citar um concomitante e desodorado filósofo que disse: (e se ele não disse, digo eu). Não é só de homem que vive o pão. Razão pela qual vou falar das mães, as mães de seus filhos . . . E ninguém no mundo é mais indicado para ser mãe do que a mulher, principalmente a mulher do sexo feminino.

A – Ao final de sua impávida verborrêia, o ilustre varredor foi amplamente aplaudido . . .

B – No lombo.

A – Marrão Gassada – Desastrou-se um ônibus Mercedes Benz da marca Alfa Romeu quando voava em alta velocidade, marcando trinta por hora contra uns buracos de boca prá cima.

B – Ao falhar a buzina, o veículo chocou-se contra um auto-retrato, estourando o eixo gordão, o referencial, a caixa de lambança, o radioamador e a junta comercial, derramando todo o óleo do catre. Até o virabrequim foi à breca.

A - Em meio à confusão, o Doutor Trapalhadinho da Silva gritou: - Quem estiver morto levanta o dedo que levarei por primeiro para o hospital. Mas, graças a Deus, entre mortos e feridos se salvaram todos. Apenas foi encontrado um cadáver que pelo avançado estado da respiração se encontrava completamente morto.

B – E por falar em mortos e feridos, o nosso repórter Atochoso nos comunica que houve um atentado terrorista na nossa cidade, mais precisamente no nosso cemitério. Os terroristas estouraram uma bomba neste nobre lar que merece todo o nosso respeito. Até agora ainda não se sabe onde serão enterrados os sobreviventes.

A – Rio Jacuim – Notícia extra – Os pescadores da Lancha Cachorro Quente vibram de júbilo por terem pescado hoje um dourado pesando 18 quilates.

B – Segundo fontes do Ministério da Fazenda, o peixe será recolhido para a casa da moeda do Rio de Janeiro.

A – Paraíso do inferno – A junta médica do hospital Ninguém Escapa do Paraíso atendeu um sujeito tão alto, mas tão alto, que quando a morte entrou pelos pés levou cinco dias até chegar na cabeça.

B – Cusculândia – Os cachorros desta capital são tão educados que toda vez que alguém passa pela calçada eles seguram o poste com a patinha.

A – Brasinóia – Em sessão da Câmara Ordinária foram aprovados, apesar do mau tempo que se fazia reinar, muito embora o voto contrário da oposição, as seguintes leis:

B – Lei da Gravidade.

A – Que regula os nascimentos precoces.

B - Lei da oferta e da procura.

A – Pela qual na natureza nada se perde, tudo se tranforma.

B – Lei Seca.

A - que visa controlar as épocas das chuvas.

B – Lei Penal.

A – Que obriga os restaurantes a cozinhareem as aves com pena e tudo.

B – Lei do menor esforço..

A - Pela qual todos devem amar a própria terra natal, mesmo que não tenham nascido nela.

B – Vila Papo Furado – Acabam de ser classificadas as três principais canções do último festival de Música Livre.

A – Primeira colocada – A Marcha do Silêncio – tenso sido calorosamente aplaudida pelo auditório, a cantora Nada de papo, depois de marchar durante três minutos em silêncio diante do público.

B – Segunda colocação para a canção “Abra os olhos prá minha cara que na voz não sou de nada”, interpretada pela manequim Linda Belezura Kevouticontá, por sinal, a ilustre cantora, na primeira vez que cantou, perdeu a voz e até hoje não a encontrou, graças a Deus.

A – A terceira colocada foi o hino “Quando entô esta canção o mundo desaparece”, que alcançou êxito total, pois o sujeito entoou a canção e o mundo desapareceu de fato.

B – E assim, senhoras e senhores, não havendo mais telha nem zinco, vamos terminar aqui a cobertura noticiosa.

A – E ao fim de mais uma ornejada radiofônica, a Rádio vai à breca pelo cano limitada encerra suas transmissões para a sorte e felicidade dos que já pegaram no sono, recordando a todos que não há nada melhor que um dia após o outro, quando cada dia tem 24 horas e cada semana tem 7 dias, Segundo a orientação filosófica da rádio comunitária vai á breca pelo cano que nesta exata hora vai à breca de fato . . .

MÚSICA

FIM

Adaptação de uma peça com autor desconhecido

UMA HISTÓRIA DO BRASIL

Narrador – A história de uma civilização, de um povo ou de um país, pode ter mais de uma versão. Há a história oficial veiculada para ensinar aos compatriotas a origem, a evolução, as conquistas, vitórias e derrotas de um povo.

Existe a história dos bastidores, aquela que não aparece nos livros nem nos meios de comunicação. Não é contada porque não interessa ao sistema, aos que estão no poder, pois também mostraria os erros, equívocos e gafes que o povo não perdoaria.

Naturalmente, a História do Brasil também pode ser contada, analisada e criticada sob diferentes ângulos.

MÚSICA Meu Brasil

1 – No dia 22 de abril de 1500 chega um navegador português chamado Pedro Álvares Cabral. Após uma longa e penosa viagem marítima feita com caravelas descobre um país-continente a quem dão o nome de Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, finalmente, Brasil.

2 – Eu sou Pero Vaz de Caminha. Sou o encarregado de registrar por escrito toda a viagem, fazendo o diário de bordo. Enviarei ao Rei, em Portugal, uma carta para descrever as maravilhas e riquezas que descobrimos. Estou encantado. (LÊ A CARTA)

22 de abril- Neste dia houve vista de terra. Primeiramente um grande monte com grande arvoredos e o capitão pôs o nome de Monte Pascoal e à Terra de Vera Cruz.

Encontramos seres humanos. A feição deles é serem pardos, avermelhados, rosto e nariz bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas.

Espantaram-se ao ver um carneiro e uma galinha trazidos pelo capitão, sinal de que estes animais não existem aqui. Conhecem apenas os animais silvestres.

Ele não lavram, nem criam. Não há boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha. Comem apenas aquilo que a natureza oferece: frutos, sementes e raízes. Andam rijos e fortes com aparência de muita saúde.

Não pudemos saber se há ouro, prata, ferro ou outro metal. A terra ‘r boa, de aparência para boa produção. As águas são muitas e infindas. Cremos que em se plantando tudo dá.

MÚSICA Eu te amo meu Brasil

3 – Esta versão que vocês ouviram pode não ser a única e verdadeira. O Brasil foi descoberto ou invadido? Já existiam aqui índios com sua cultura, usos e costumes. Por que os portugueses logo se preocuparam em explorar as nossas riquezas? Por que houve tanto interesse pelo pau-brasil, pelo ouro e outros minerais?

4 – Será que o Brasil não foi invadido para atender as necessidades da metrópole, ou seja, para levar matéria-prima para Portugal? O ouro foi levado para enfeitar as igrejas e demonstrar poder e riquezas. A madeira foi utilizada para fabricação de tintas, móveis finos e para construções.

5 – Durante o período do Brasil Colônia, os estrangeiros aqui aportavam para carregar as riquezas produzidas pelo povo. Toda a Europa sabia que o Brasil era uma grande fonte de riquezas, de ouro e de matérias-primas valiosas. E todos chegava e levavam. E nós aqui ficávamos.

6 – Chegou o ano de 1822. Em 7 de setembro deste ano, D. Pedro I, heroicamente, desembainhou sua espada e, nas margens do Riacho Ipiranga, em São Paulo, gritou: Independência ou Morte! Junto com ele estava uma comitiva formada por soldados e demais pessoas do governo.

MÚSICA Hino Nacional

7 – Este gesto foi um ato que determinou a nossa independência ou foi um jogo político? Dizem que foi um ato pacífico porque aconteceu num lugar afastado durante uma viagem do Imperador. Será que realmente foi assim? Como podemos explicar a utilização de onze mil soldados na Bahia e nove mil no Maranhão para garantir a independência? Estes dados provam que foi um processo violento e armado. Havia pessoas que não concordavam, tinham uma opinião diferente. Queriam um Brasil autônomo. Queriam ser donos de um caminho próprio. Queriam produzir para se desenvolverem e ter mais lucros. A independência foi proclamada para atender latifundiários e grandes comerciantes.

8- O Brasil tinha independência política e tinha escravos. Escravos trazidos da África para trabalhar nas lavouras e fazendas brasileiras. Assim, em 13 de maio de 1888, a generosa Princesa Isabel assinou a Lei Áurea (lei de ouro) que dá liberdade a todas as pessoas negras que viviam no Brasil. Agora, todos podiam seguir livremente o seu caminho, ir para onde quisessem, trabalhar para quem quisessem em troca de um salário

MÚSICA Hino à Independência

9 – Na verdade, os escravos foram libertados ou abandonados? Quando saíram de sua fazenda de origem, onde poderiam trabalhar? Não havia cidades com indústrias para acomodá-los e aproveitar a mão-de-obra existente. Os fazendeiros acostumados a tê-los de graça no trabalho não queriam pagar salário digno. Além do mais, eles sabiam trabalhar na roça. Muitos foram marginalizados não por falta de liberdade, mas por falta de estrutura social para recebê-los, uma vez que eram considerados uma raça inferior. O racismo era forte.

10 – O Brasil tinha escravos e negros porque os índios não se sujeitaram às ordens e vontades dos colonizadores. Os índios cultivavam a liberdade tanto no seu jeito de viver, sua forma de conviver com a natureza, respeitando-a, quanto na forma de conviver com seus irmãos de tribo. Tudo era realizado de forma cooperativa e todos tinham suas necessidades básicas atendidas e respeitados como seres humanos.

11- Em 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, de manhã cedo, num quartel do Rio de Janeiro, proclamou a república. A partir de então, o povo elegeria os seus representantes - as pessoas encarregadas de projetar e concretizar o progresso - dando ao Brasil a oportunidade de ser um país rico, pois fecundo todos sabiam que era.

Música: Hino à República

12 – Quais foram as melhorias que trouxe a república? Não tínhamos mais imperadores, príncipes e princesas. O Brasil foi trilhando um caminho em que as forças políticas do Nordeste, de Minas Gerais e São Paulo estavam em constante conflito. Todos queriam a melhor parte da república: o poder e o dinheiro.

13 – Os brasileiros até que estavam se encaminhando para uma república democrática. O presidente eleito João Goulart pretendia fazer uma reforma fundiária, ou seja, uma reforma agrária com distribuição de terra para quem não as tinha. Os latifundiários começaram a pressionar, fazer uma

pressão incessante. O povo reivindicava e ganhava. Com tanta pressão e oposição, o Presidente foi deposto, ou seja, foi afastado do governo e mandado para um outro país. Foi exilado.

14 – Conseqüentemente, com tantas dificuldades políticas, ocorreu em 31 de março de 1964 a conhecida Revolução de 64. Aliás, o dia real da transformação seria o dia 1º de abril, mas os militares acharam que a revolução não daria certo, o povo não acreditaria, porque 1º de abril é o dia dos bobos, dia da mentira. As forças militares se uniram e formaram um governo que possibilitasse ao Brasil encontrar o caminho do progresso econômico e social. O presidente da república sempre foi um militar.

15 – A Revolução de 64 foi um progresso ou regresso? Neste período foram exiladas as pessoas que não concordavam com a ditadura. Assim, muitos professores, cientistas, filósofos, artistas e intelectuais tiveram que deixar o Brasil, a sua pátria. Aqui, muitos políticos e pessoas do povo que não aceitavam o autoritarismo foram torturados e mortos. Muitas pessoas desapareceram e seus familiares até hoje não sabem onde estão.

16 - Foram presidentes não escolhidos pelo voto popular, mas por um colegiado de militares e outros representantes que comungavam com ideais e idéias da ditadura. Houve um presidente que, ao deixar seu cargo, no final do mandato, pediu para ser esquecido pelo povo e disse: “Prefiro o cheiro dos cavalos que do povo.”

17 - Em 1980, o nosso país passou a viver os momentos da abertura política. Houve um momento em que se preparou o povo e as instituições para que os brasileiros voltassem a viver, finalmente, num país livre, próspero e democrático. Desde então, há eleições diretas para presidente da república, senadores, deputados, governadores, prefeitos e vereadores. Finalmente o Brasil é um país democrático.

18 – Aparentemente vivemos num país democrático. Dizem que somos livres para ir e vir, para votar e ser votado, eleger os melhores e mais inteligentes representantes para dirigir e construir um Brasil próspero, justo, democrático, livre.

19 – Se somos livres e vivemos num país democrático, como se explica a injustiça social, os grandes problemas econômicos, a falta de segurança, os constantes problemas com políticos corruptos e a crescente e assustadora degradação e criminosa destruição do meio ambiente.

20 – Após vinte anos de eleições, o povo brasileiro elegeu um presidente metalúrgico, sem destaque nos meios intelectuais ou acadêmicos. Elegeu um cidadão, representante humilde, sem formação universitária, apenas especialista em sonhos brasileiros; esperança de honestidade, crescimento econômico, justiça social e distribuição de renda.

21 – Hoje o cidadão brasileiro pergunta: quem, afinal, manda no Brasil? O presidente da república? O povo que o elegeu? As forças econômicas transnacionais? Como pode um problema na bolsa de valores da China ou do Japão abalar a nossa economia e fazer com que todos os brasileiros paguem o “pato”? Por que dependemos tanto deles?

22 – O que está acontecendo que os governos federal, estadual e municipal promovem a entrega do patrimônio público através de um processo de privatização que deixa todos perplexos? Por que as

empresas privadas querem tanto as empresas públicas que só davam prejuízo? O que não nos contam? Quem consegue entender a política dos altos juros, que acaba com a agricultura, o comércio, a pequena empresa e a indústria nacional?

23 – Gostaria de entender por que a educação, a saúde, a segurança, estão tão abandonados? São os itens básicos que precisam ser atendidos para que todos tenham uma vida digna. O desemprego e os baixos salários provocam um aumento crescente na violência. O ser humano que não tem suas necessidades básicas atendidas, no desespero, vai em busca de uma solução nem sempre pacífica.

24 – O meio ambiente está sendo degradado, violentamente destruído através do uso de tecnologia nociva, onde se pensa predominantemente numa produção em grande quantidade para exportação de produtos para o mercado internacional. O uso de práticas agrícolas destruidoras não têm nenhum acompanhamento ou controle. O lixo e o esgoto são jogados em qualquer lugar, sem cuidados, sem destino adequado. Restará uma natureza degradada para as futuras gerações recuperarem a duras penas e grandes custos.

MÚSICA: O Brasil é feito por nós

25 – Diante de tudo que ouvimos sobre a história, ou uma história do Brasil o que resta fazer ou dizer? Ouvir outras histórias? Conformer-se? Acomodar-se? Discordar? Revoltar-se? Condenar? Tomar em nossas mãos a possibilidade de escrever uma nova história daqui para frente através de uma participação efetiva?

26 – A história pode ser repensada, o brasileiro pode influir nas mudanças através da eleição, escolhendo pessoas que lutam por ideais, honestas, comprometidas com a sociedade. Através da eleição de pessoas sérias, competente e inteligente para dirigir o país, o estado, o município, a escola onde fazemos parte.

TODOS OS ATORES ENTRAM EM CENA E ABRAÇADOS FALAM.

Todos: O Brasil está em nossas mãos.

FIM

Depoimentos dos alunos

“Minha participação neste teatro foi uma grande oportunidade para aprender coisas novas, além de me divertir e melhorar o convívio com os colegas. Agradeço a oportunidade que me foi lançada, pois aproveitei cada momento.”

William Hantz Krüger

“Gostei muito de apresentar teatro. Os jovens e muitas crianças se conhecem, gerando novas amizades. As pessoas que assistem ficam fascinadas com o esforço e talento dos alunos. Assim, suas qualidades são descobertas, trilhando um destino brilhante para eles.

Eduardo Bugs Eichelberger

“Apoio todas as iniciativas que surgirem a respeito de teatro, pois através dele eu aprendi a respeitar, a amar e tive muitas lições de vida. As maiores lembranças eu terei da peça “A Bodega da Marilu”, uma peça humorística, onde eu e meus colegas vivemos a fantástica história de um bar. Este livro mostra como é bom fazer teatro. O teatro na escola nunca poderia morrer. O teatro e a conversa estimulam a nossa alma.”

Adriano Parnow

“Fazer teatro foi uma experiência maravilhosa porque com ele aprendemos a livrar-nos de nossos medos e entrarmos em outras vidas. Com um grupo de grandes amigos a aventura foi ainda mais legal. E muito melhor foi ver e sentir o reconhecimento do público pelo nosso esforço.”

Mariele Luiza Petry

“Gosto muito de teatro. Recordo-me com carinho das peças em que participei. Foram muito significativas porque pude trabalhar minha sensibilidade, desenvolver a expressão oral, falar em público. Descobri que dentro de mim corre uma pequena veia de artista. Aliás, todos temos dons que, às vezes, estão adormecidos dentro de nós, basta uma pequena oportunidade para despertá-los. Seria muito interessante se houvesse mais incentivo às artes para que todas as escolas pudessem incluí-las em seu currículo.”

Fernanda Eliza Wink Martin

“O teatro na escola é uma técnica de aprendizado que integra ao conhecimento a arte e a cultura que permitem o desenvolvimento intelectual, além de estimular a desenvoltura do estudante que entra em contato direto com o público.”

Luana Tornquist

“Além de desenvolver minha criatividade e a arte da improvisação, fazer teatro na escola ajudou-me a superar a timidez e a despertar meus dons e o gosto por esse mundo da imaginação.”

Letícia Maísa Eichherr

A AUTORA

Celeste Dummer nasceu em 1957, na localidade de Vila Progresso, Vera Cruz/RS. Formada em Letras Inglês/Português, especializou-se em Literatura pela UNISC de Santa Cruz do Sul. Dedicou-se ao magistério, desde 1978, como professora de Língua Portuguesa e Literatura no ensino fundamental e médio. Em Vila Progresso, durante seis anos, dirigiu a Escola Estadual Frederico Augusto Hannemann.

É co-autora dos livros *“Cem anos de ensino, pregação e testemunho”* (2002) e *“Escola Hannemann: 40 anos de cooperação e educação”* (2004).

Além de professora é juíza do Tribunal de Conciliação e Arbitragem de Santa Cruz do Sul.

“Teatro é a arte da representação, simulação da vida humana; desnuda o homem e o conflito de suas existências.”